

MONOTONGAÇÃO VARIÁVEL DO DITONGO ORAL DECRESCENTE [EJ] NO NOROESTE PAULISTA

VARIABLE MONOPHTHONGIZATION OF THE FALLING ORAL DIPHTHONG [EJ] IN THE PAULISTA NORTHWEST

Márcia Cristina do Carmo | [Lattes](#) | mccarmo@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Talia Ferreira Machado | [Lattes](#) | machado.taliaferreira@gmail.com
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: Este trabalho analisa a monotongação variável do ditongo oral decrescente [ej] na variedade do noroeste paulista. Por meio desse processo, há o apagamento do *glide*, como em *gelad[ej]ra* ~ *gelad[e]ra* e *p[ej]xe* ~ *p[e]xe*. Esta pesquisa fundamenta-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]). Metodologicamente, foram conduzidas análises qualitativa e quantitativa, a partir do programa *Goldvarb X*, de 12 entrevistas retiradas do banco de dados Iboruna, resultado do projeto ALIP (FAPESP 03/08058-6 – UNESP/IBILCE – Gonçalves, 2023 [2007]). Dos 1.057 dados levantados, 376 apresentaram monotongação, correspondentes a 35,6%. Verificou-se que a maioria das ocorrências de monotongação ocorreu em contexto de tepe ou fricativa subsequente, como em *cad[e]ra* e *qu[e]jo*, destacando a influência de fatores linguísticos para a aplicação do fenômeno, como observado em outras variedades do Português Brasileiro.

Palavras-chave: Teoria e Análise Linguística. Variação e Mudança Linguística. Fonética e Fonologia. Ditongos orais decrescentes. Monotongação.

Abstract: This work analyses the variable monophthongization of the falling oral diphthong [ej] in the northwestern São Paulo variety. Through this process, the glide is deleted, e.g. *gelad[ej]ra* ~ *gelad[e]ra* ('fridge') and *p[ej]xe* ~ *p[e]xe* ('fish'). This research is based on the Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 2008 [1972]). Methodologically, through the Goldvarb X program, qualitative and quantitative analyses were conducted of 12 interviews from the Iboruna database, as a result of the ALIP project (FAPESP 03/08058-6 - UNESP / IBILCE - Gonçalves, 2023 [2007]). From a total of 1,057 occurrences, 376 monophthongized, corresponding to 35.6% of the data.

Most occurrences of monophthongization occurred in the context of subsequent tap or fricative, e.g. *cad[e]ra* ('chair') and *qu[e]jo* ('cheese'), highlighting the influence of linguistic factors to the application of the phenomenon, as observed in other varieties of Brazilian Portuguese.

Keywords: Linguistic Theory and Analysis. Linguistic Variation and Change. Phonetics and Phonology. Falling oral diphthongs. Monophthongization.

Introdução

O presente trabalho analisa o processo fonético-fonológico variável denominado *monotongação* do ditongo oral decrescente [ej] na variedade do noroeste paulista.¹

Por meio desse processo, ocorre o apagamento ou supressão do *glide* [j, w] em um ditongo (Roberto, 2016, p. 120). Dessa forma, a monotongação corresponde a um “fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido como uma única vogal” (Cristófaros Silva, 2011, p. 153), também designada de *monotongo*. Como exemplos de monotongação, podem ser citados *dinh[e]ro* ~ *dinh[e]ro* e *p[ow]co* ~ *p[o]co* (Seara; Nunes; Lazzarotto-Volcão, 2015).

Neste trabalho, justifica-se o recorte relativo aos ditongos orais decrescentes – os quais correspondem à sequência vogal-*glide*, como, por exemplo, em *c[aj]xa*, *frigid[e]ra* e *p[ow]co* – com base em Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), que constataram que “frequentemente, monotongam-se ditongos [aj], [ej] e [ow]” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 43), apresentando, assim, a evidência de que há maior existência de monotongação nesse contexto, como em *deb[aj]xo* ~ *deb[a]xo*, *p[ej]xe* ~ *p[e]xe* e *[ow]tra* ~ *[o]tra*. O fato de envolverem vogais e *glides* diferentes, bem como a grande frequência desses contextos – já atestada por Cabreira (1996 *apud* Adamoli, 2006), que constatou que ditongos em [ej] têm maior frequência do que em [aj] e menos do que em [ow], observada também em uma análise piloto do *córpus* deste trabalho –, justificam a análise específica do ditongo oral decrescente [ej], como em *prim[e]ro* ~ *prim[e]ro* e *mad[e]ra* ~ *mad[e]ra*, de modo a garantir a precisão e a exequibilidade desta pesquisa.

Teórico-metodologicamente, este trabalho pauta-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]), a qual estuda a língua em seu âmbito social,

¹ Cabe destacar que esta pesquisa é fruto e desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso “Monotongação variável do ditongo oral decrescente /ej/ no interior paulista”, defendido pela segunda autora, sob orientação da primeira, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) no ano de 2020.

concebendo-a como heterogênea, buscando compreendê-la e sistematizá-la em sua heterogeneidade.

Como *cópus*, esta pesquisa investiga 12 entrevistas que contêm amostras de fala espontânea da variedade do interior paulista, retiradas do banco de dados Iboruna, resultado do projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP – UNESP/IBILCE – FAPESP 03/08058-6), coordenado por Gonçalves (2023 [2007]).² Esse banco de dados foi construído de 2003 a 2007 e é formado por dois tipos de amostras: (i) Amostra censo e (ii) Amostra de interação social (Gonçalves, 2019). Para esta pesquisa, será utilizada a primeira amostra, mais especificamente 12 de seus inquéritos, como será detalhado no item 2.1. Ressalta-se que não há registros de estudos sobre monotongação na variedade falada no interior paulista, o que evidencia o ineditismo deste trabalho.³

Deve-se destacar o vínculo desta investigação ao Projeto/Grupo de Pesquisa (CNPq) Descrição SÓCIO-Histórica das Vogais do Português (do Brasil) (PROBRAVO), liderado pelos professores Dr. Seung Hwa-Lee (UFMG) e Dr. Marco Antônio de Oliveira (Puc/Mg), que objetiva realizar uma investigação multidisciplinar para descrever as realizações fonéticas das vogais em diferentes variedades do Português Brasileiro (doravante, PB).⁴ Nesse âmbito, esta pesquisa busca contribuir para o mapeamento fonético-fonológico da variedade do interior paulista e, de modo mais abrangente, do PB.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 1, é apresentado o arcabouço teórico que fundamenta esta pesquisa, com a caracterização e explicação da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]) e do processo variável investigado. No item 2, têm-se os materiais e métodos que foram utilizados nesta investigação. Na seção 3, são apresentadas a análise e a discussão dos dados. Posteriormente, são expostas as considerações finais, seguidas pelas referências bibliográficas.

1 Fundamentação teórica

Nesta seção, é apresentado o arcabouço teórico que embasa esta pesquisa. Em 1.1, explicita-se a Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Labov (2008 [1972]). Na seção 1.2, apresentam-se o processo variável investigado neste trabalho, a

² O projeto ALIP, no início de sua constituição, foi submetido a Comitê de Ética em Pesquisa, constituindo, desse modo, um banco de dados pronto para utilização.

³ Todavia, outros fenômenos fonético-fonológicos variáveis na variedade do interior paulista têm sido investigados a partir da constituição do banco de dados Iboruna, como: alçamento de vogais pretônicas (Silveira, 2008; Carmo, 2009, 2013, 2014, 2018, 2019; Carmo; Tenani, 2013; Carmo; Carlos, 2019), alçamento e síncope de vogais postônicas mediais (Ramos, 2009), apagamento de /d/ em morfema de gerúndio (Ferreira, 2010), apagamento de /t/ em coda silábica (Carmo; Taborda, 2019), metátese (Dias; Carmo, 2021), dentre outros.

⁴ Mais informações podem ser obtidas em: relin.letras.ufmg.br/probravo/. Acesso em: 2 abr. 2023.

monotongação, e alguns trabalhos já realizados sobre esse processo em outras variedades do PB (Aragão, 2014; Sanches; Gonçalves, 2021; Cysne, 2016; Freitas, 2017; Amaral, 2005; Toledo, 2010; Damaceno *et al.*, 2012).

1.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

Este trabalho fundamenta-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]), também chamada de Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, tendo, como objeto de estudos, a heterogeneidade linguística a partir da obtenção do vernáculo dos informantes. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 35, grifo dos autores), “muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico *ou* sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada”.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística apresenta, como um de seus principais teóricos, William Labov, que, em seu livro “Padrões Sociolinguísticos” (*Sociolinguistic Patterns*, 2008 [1972]), discorre sobre o uso da língua em seu contexto social, defendendo a sistematização da língua dentro de contextos específicos. Nesse âmbito, Labov (2007, p. 2) define o objeto da sociolinguística como a “língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana”. Nesse sentido, a Teoria da Variação e Mudança Linguística busca entender a língua em uma determinada comunidade de fala, como uma forma de sistematizar sua heterogeneidade. Desse modo, esta investigação, baseada na teoria sociolinguística, busca compreender a heterogeneidade linguística na variedade do PB falada no interior paulista em relação ao fenômeno de monotongação.

Labov (2008 [1972]), em seu livro, traz algumas pesquisas para a compreensão da heterogeneidade da língua, entre elas, destaca-se a pesquisa na ilha de Martha’s Vineyard, no estado norte-americano de Massachusetts, que analisou a alteração na posição fonética dos ditongos [aj] e [aw]. Foram investigadas as diferenças de alturas no primeiro elemento dos ditongos, observando-se que, diferentemente do inglês padrão do sudoeste da Nova Inglaterra, que pronuncia os ditongos como [aj] e [aw], a pronúncia da ilha é [ej] e [ɛw] ou até [əj] e [əw], como em *spider* (‘aranha’) e *outhouse* (‘banheiro externo’), respectivamente. Como hipótese, apresentava que essa centralização dos ditongos partia de falantes nativos que preservavam o falar não-padrão ou arcaico. Como resultado, apontou que o processo se dava mais por fatores extralinguísticos do que linguísticos, constatando que estes pouco ou nada favoreciam a aplicação do processo, tendo como resultado que

os habitantes preservavam o falar não-padrão por serem avessos a mudanças, apresentando a centralização dos ditongos como forma de marcar a identidade da ilha.

Tendo em vista a teoria sociolinguística, deve-se ter em conta a noção de *variante*, definida como “diversas maneiras de falar a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (Tarallo, 2003, p. 8). Já um conjunto de variantes recebe o nome de *variável* linguística. No caso deste trabalho, como já apresentado, investiga-se a monotongação de [ej] em uma variedade do PB, como em *d[ej]xe ~ d[e]xe*. Sendo assim, a variável apresenta duas variantes possíveis, demarcadas, respectivamente, pela presença ou ausência do *glide*.

Segundo Tarallo (2003), as variantes podem ser não-padrão ou padrão, inovadoras ou conservadoras, estigmatizadas ou prestigiadas. O autor demarca que, em geral, as variantes classificadas como padrão são as conservadoras, definidas como as que desfrutam do prestígio sociolinguístico da comunidade. Já as variantes não-padrão são aquelas que recebem estigma social. Por exemplo, têm-se, no PB, as variantes da variável *p/l/aca*: *p[l]aca*, *p[r]aca* e *p[ɹ]aca*, sendo que as duas últimas, em que ocorre o processo fonético-fonológico denominado *rotacismo*,⁵ constituem variantes não-padrão e que costumam sofrer estigma social.

Nesse sentido, para a descoberta de indícios de estigma ou prestígio social, é necessária a investigação de variáveis extralinguísticas, como *sexo/gênero*, pois, a partir da análise dessa variável, pode-se constatar se a variante é conservadora ou inovadora, já que as mulheres costumam ser mais conservadoras do que os homens de sua classe socioeconômica em relação a processos mais estigmatizados (Labov, 2008 [1972]). Outra variável investigada é a *escolaridade*, por meio da qual se pode distinguir se a variante é padrão ou não-padrão mediante a observação da probabilidade de aplicação do processo por indivíduos com mais ou menos anos de escolaridade, já que os mais escolarizados tendem a realizar variantes padrão.

Tarallo (2003) aponta que toda mudança pressupõe variação, evidenciando que, quando há mudança, houve variação, mas, se há variação, isso não necessariamente implica mudança. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) elucidam cinco problemas existentes no estudo da mudança linguística: (i) fatores condicionantes; (ii) transição; (iii) encaixamento; (iv) avaliação; e (v) implementação, os quais devem lidar, respectivamente, com as seguintes questões:

⁵ Processo em que há alternância entre consoantes líquidas, lateral alveolar e vibrante fraca ou tepe, e que ocorre em contexto silábico de ataque complexo e de coda, como em *b[r]oco* e *pape[t]* (Costa, 2007).

- (i) Qual é o conjunto de mudanças possíveis e quais as condições possíveis para essas mudanças?
- (ii) Quais são os estágios intermediários que podem ser atestados ou postulados entre duas estruturas linguísticas?
- (iii) Como as mudanças estão encaixadas em relação a outras mudanças linguísticas e extralinguísticas?
- (iv) Como essas mudanças podem ser avaliadas?
- (v) A implementação das mudanças pode ser atribuída a quais fatores?

Conforme afirmam os autores, o quinto problema – da implementação – consiste no cerne da questão. Desse modo, propõem:

uma teoria da mudança linguística que lide nada menos do que com a maneira como a estrutura linguística de uma comunidade complexa se transforma no curso do tempo, de tal modo que, em certo sentido, tanto a língua quanto a comunidade permanecem as mesmas, mas a língua adquire uma forma diferente. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 37).

O *status* da mudança pode ser observado de acordo com diferentes modos de se conduzir pesquisa sociolinguística: o estudo *em tempo real* e *em tempo aparente*.

Paiva e Duarte (2013) classificam o estudo *em tempo real* em dois tipos: o estudo em tempo real *de longa duração* e *de curta duração*. O primeiro é caracterizado pela análise sincrônica, em que são coletados textos com séculos de diferença dos da atualidade. Um dos exemplos apresentados pelas autoras é o uso restrito da concordância no PB, que já apresentava evidências desde suas origens. Em relação ao estudo em tempo real de curta duração, define-se por uma análise diacrônica, em que os informantes são entrevistados em diferentes anos; no exemplo apresentado pelas autoras, um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro elaborou um banco de dados no período de 1980 a 1984, sendo constituído por 64 informantes. Nos anos de 1999 a 2000, os informantes foram entrevistados novamente, tendo uma diferença de 16 a 19 anos, dependendo da data da primeira entrevista.

Já o estudo *em tempo aparente* caracteriza-se por uma análise sincrônica, mas, diferentemente do estudo em tempo real de curta duração, não há uma análise em diversos anos, mas, sim, análise sincrônica dos falares de informantes de faixas etárias diferentes.

Destaca-se, assim, que a pesquisa ora realizada corresponde a um estudo *em tempo aparente*, sendo consideradas, para a análise dos dados, além da *faixa etária*, as seguintes

variáveis independentes: *classe gramatical*; *contexto seguinte*; *contexto precedente*; *posição do ditongo*; *tonicidade*; *sexo/gênero*; e *escolaridade*. Essas variáveis são mais bem detalhadas na seção 2.2 deste trabalho.

Passa-se, agora, à apresentação do processo variável investigado.

1.2 Monotongação

Como já mencionado, a monotongação corresponde a um fenômeno fonético-fonológico em que um ditongo é produzido como apenas uma vogal (Cristófaros Silva, 2011). Segundo Câmara Jr. (1976 [1970]), o PB tem tendência a apresentar a construção silábica CV, como em *ba.ta.ta*, *fa.da* e *da.do*. Devido ao fato de o *glide* ocupar a posição de coda, isto é, pós-vocálica em uma sílaba, explica-se “a facilidade com que se passa em português de ditongo a um monotongo” (Câmara Jr., 1976 [1970], p. 44).

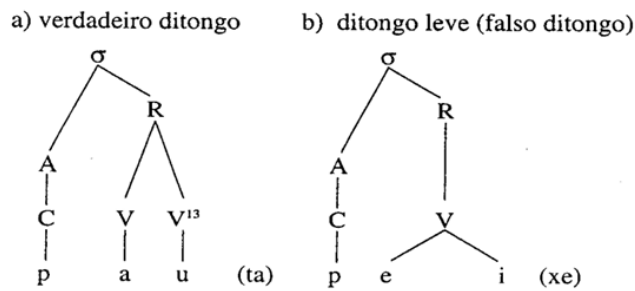
Em relação aos ditongos decrescentes orais, Cristófaros Silva (2011) afirma serem realizados pela sequência vogal/*glide*, como em *l[ej]te* e *susp[ej]ta*.⁶ Segundo a autora, podem ser subdivididos em: (i) *ditongos leves*, associados “a uma única posição esquelética em representações da Fonologia Autossegmental”⁷ (Cristófaros Silva, 2011, p. 94) e que apresentam um comportamento de vogal simples ou monotongo, como em *p[ej]xe ~ p[e]xe*; e (ii) *ditongos pesados*, associados “a duas posições esqueléticas em representações de fonética autossegmental” (Cristófaros Silva, 2011, p. 94), com comportamento semelhante ao de uma vogal longa, como em *p[ej]to*.

Collischonn (2001) também classifica os ditongos decrescentes em *leves* e *pesados*, apresentando a definição de que os ditongos decrescentes leves são ditongos falsos, com vogais altas que passaram a se tornar *glide* pelo processo de silabificação. Como pode ser observado na figura 1, o que diferencia os ditongos leves dos pesados é que os leves são ligados a um único elemento (V), enquanto os pesados são ligados a dois elementos (Vv). Desse modo, os ditongos leves podem ser monotongados.

⁶ Os ditongos crescentes se distinguem dos decrescentes por apresentarem a estrutura silábica de glide-vogal, com em *bo[ja]*, enquanto estes se caracterizam pela sequência vogal-glide, como, por exemplo, em *[aw]rora*. No entanto, em relação aos ditongos crescentes, existe uma discussão na literatura sobre sua existência, posto que alguns estudiosos, como Câmara Jr. (1976 [1970]) e Collischonn (2001), apontam que a língua portuguesa não apresenta ditongos crescentes, afirmando que, na verdade, consistem em hiatos. O principal argumento “diz respeito ao fato de a sequência glide e vogal estar normalmente em variação livre com a vogal alta correspondente” (Collischonn, 2001, p. 111).

⁷ Proposta teórica que tem, como objetivo, interagir a partir de linhas de associação, integrando os níveis de comportamento fonológico, entre eles, acento, pé métrico, projeção silábica, constituintes silábicos, posições esqueléticas e segmentos, propondo uma possibilidade de avanço em relação a modelos lineares ou segmentais (Cristófaros Silva, 2011).

Figura 1 – Ditongos verdadeiro e falso



Fonte: Collischonn (2001, p. 114).

Glides, segundo Martins (2011), são sons soantes incapazes de ocupar a posição de núcleo silábico. De acordo com a pesquisadora, no PB, “são glides os sons de [ɹ] e [w]” (Martins, 2011, p. 27), como em *c[aj]xa* e *p[ow]co*.⁸ Conforme afirma a autora, o PB apresenta somente dois *glides*, coronal e dorsal, correspondendo sempre a uma vogal alta.

A autora relata que os *glides* do PB podem aparecer em duas sequências, sendo a primeira vogal-*glide* (Vg) e a segunda, *glide*-vogal (Gv). Expõe uma discussão sobre definições dos *glides* apresentadas pela literatura, a qual discorre se o *glide* é alofone ou fonema. Para a autora, os *glides* são fonêmicos, constatando que sua principal característica é a impossibilidade de alternância com vogais e consoantes na forma fonética: “eles estão na forma subjacente, e podem ser gerados a partir de consoantes e vogais no léxico. Esta alternância é unidirecional e o glide nunca alterna com a vogal na forma fonética. O output ótimo sempre é o glide” (Martins, 2011, p. 127).

Martins (2011) defende a proposta de o *glide* estar presente na forma subjacente, visto que isso torna mais simples o sistema linguístico, facilitando a atribuição do acento e a silabificação, e evitando estruturas marcadas no léxico.

Segundo Martins (2011), os *glides* (coronal e dorsal) não podem ser inseridos antes de /ʃ/ e /ʒ/, como em *m[e]xa* ~ **m[ej]xa*. Ademais, o *glide* [j] inexistente após vogal dorsal, como em *n[o]jo* ~ **n[oj]jo*. A autora assume que o processo de apagamento de *glide* seguido de fricativa palato alveolar se dá devido a um processo de *dissimilação*, apresentando um contraponto em relação a Bisol (1989), que afirma que o *glide* de *p[ej]xe* é inserido por assimilação.

Em sua descrição sobre os grupos vocálicos do dialeto paulista denominado *caipira*, Amaral (2020 [1920], p. 38) afirma que o ditongo [ej], tônico ou átono, “reduz-se a

⁸ Neste trabalho, representados respectivamente como [j] e [w].

e quando seguido de r, x ou j”, como em *b[e]rada*, *p[e]xe*, *b[e]jo*. O autor adiciona que, graficamente, “aparece às vezes representado por ê” nos vocábulos em que é seguido por *o* ou *a*, como em *chêo* e *cêa*, para, respectivamente, *cheio* e *ceia* (Amaral, 2020 [1920], p. 39).

Como pode ser observado, a monotongação de ditongos decrescentes é um processo que já vem sendo pesquisado há algum tempo em diferentes variedades do PB. Tendo em vista a exequibilidade do presente estudo, são apresentados somente alguns trabalhos na seção seguinte, em uma listagem que não se pretende exaustiva.

1.2.1 Monotongação em diferentes variedades do PB

Em um estudo mais abrangente sobre ditongação e monotongação no PB, Aragão (2014) investigou esses processos em 25 capitais brasileiras,⁹ utilizando-se do Atlas Linguístico do Brasil – Projeto Alib. Para tanto, foram analisadas 200 entrevistas, sendo 8 informantes para cada capital, com os seguintes perfis sociais: (i) *faixa etária*: 18 a 30 e 45 a 65 anos; (ii) *gênero*: masculino e feminino; (iii) *escolaridade*: até a oitava série do Fundamental e Ensino Superior; (iv) *origem*: nascidos na localidade, com pais nascidos também na localidade. Para a monotongação, a partir de Questionário Fonético-Fonológico, foram coletados os itens lexicais: *prateleira*, *caixa*, *tesoura*, *manteiga*, *bandeira*, *ouvido* e *baixa*. Das 1.400 ocorrências (200 entrevistas x 7 questões), 20 não foram aproveitadas, pelo fato de o informante não ter respondido com a forma esperada. Das 1.380 ocorrências restantes, 1.360 (98,55%) apresentaram monotongação. A autora atesta um comportamento similar da monotongação nas diferentes variedades do PB, com a atuação substancial de fatores linguísticos, visto que o processo é favorecido pela presença de /ʃ, ʒ, t/ em contexto subsequente, em palavras com maior número de sílabas, como em *pratel[e]ra*. Conforme afirma a autora,

a monotongação não está, em nosso corpus, relacionada à origem geográfica dos informantes, ao sexo, à idade, tampouco à escolaridade. A monotongação está relacionada com o nível ou registro coloquial ou informal, uma vez que mesmo os informantes de nível superior, em elocuições mais formais, monotongam sistematicamente os ditongos [...]. Assim, o fenômeno da ditongação e da monotongação no falar das Capitais brasileiras não é diatópico, é parcialmente diastrático e completamente linguístico: fonético por excelência (Aragão, 2014, p. 2098-2100).

⁹ São elas: Manaus, Belém, Macapá, Boa Vista, Porto Velho e Rio Branco (região Norte); Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Teresina, São Luís, Natal e Fortaleza (região Nordeste); Cuiabá, Campo Grande e Goiânia (região Centro-Oeste); Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória (região Sudeste); Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (região Sul).

No que tange à variedade do Amapá, Sanches e Gonçalves (2021) analisaram a monotongação variável de [ej] e de [ow] de acordo com os pressupostos teóricos da Dialetoologia e da Geolinguística, utilizando-se do *cópus* do Projeto Atlas Linguístico do Amapá (Alap). Foram estudados os falares de 40 informantes estratificados de acordo com *sexo/gênero* (masculino e feminino), *faixa etária* (18 a 30 anos e 50 a 75 anos) e *espaço geográfico*, correspondente a dez municípios do Amapá¹⁰ e quatro informantes por localidade, todos residentes de áreas urbanas. Especificamente para a análise da monotongação de [ej], os itens fonéticos foram: *prateleira, travesseiro, torneira, peneira, manteiga, teia, peixe, bandeira, correio, companheiro, meia e beijar*. Como resultado, foi obtida taxa de 42% de monotongação de [ej] e, com a análise restrita às variáveis extralinguísticas, os autores apontam não ter havido diferenças entre os falares dos municípios. Também não houve atuação da variável *sexo/gênero*, havendo um pequeno favorecimento da monotongação nos falares das mulheres de faixa etária de 50 a 75 anos.

Sobre a monotongação na fala popular de Fortaleza, a pesquisa de Cysne (2016) investigou 54 inquiridos do banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (Norpofo). Dentre os registros do banco de dados, utilizou o diálogo entre informante e documentador (Did), com foco principal em ditongos [ej]. As variáveis linguísticas analisadas foram: (i) *contexto fonético seguinte*; (ii) *contexto fonético precedente*; (iii) *tonicidade da sílaba*; (iv) *extensão do vocábulo*; (v) *natureza morfológica*; e (vi) *classe de palavra*. Considerou, também, três variáveis sociais: (i) *sexo/gênero*; (ii) *escolaridade*; e (iii) *faixa etária*. Como resultado, destacou a presença de tepe no segmento subsequente (Cysne, 2016), como em *fever[e]ro* e *garap[e]ro*, concluindo que outros fatores não são tão relevantes para a ocorrência do processo.

Em relação ao falar mineiro, mais especificamente de Uberaba, Freitas (2017) analisou a monotongação de ditongos decrescentes [aj], [ej] e [ow] a partir de 24 inquiridos. Como grupos de fatores, investigou (i) *contexto fonológico seguinte*; (ii) *tonicidade*; (iii) *extensão da palavra*; (iv) *escolaridade*; (v) *sexo/gênero*; e (vi) *faixa etária*. Destacou que os fatores extralinguísticos são de pouca relevância para a ocorrência do processo, ao contrário dos linguísticos. Evidenciou que a monotongação de [ej] é muito condicionada por contexto fonológico seguinte de tepe e fricativa, como *terc[e]ra* e *d[e]xa*, respectivamente. A monotongação de (ow) é influenciada pela extensão da palavra, ocorrendo mais em dissílabas, como em *p[o].co* (peso relativo, doravante Pr, = 0,53). Por fim, a monotongação em ditongo (aj) sofre influência (i) da extensão de palavras, sendo as polissílabas (PR

¹⁰ Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque.

= 0,72), como em *ap[a]xonada*, condicionadoras; e (ii) do contexto fonológico seguinte fricativa, como, por exemplo, em *f[a]xa*. Em relação à tonicidade, a autora relata que ocorreu mais apagamento em sílabas tônicas, como em *b[a]xa*.

Em sua obra *Ditongos variáveis do sul do Brasil*, Amaral (2005) investigou a fala de 42 informantes provenientes de três cidades gaúchas: Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Sua pesquisa, pautada no arcabouço teórico laboviano, analisou dados retirados do banco de dados do Projeto Variação Linguística na região Sul do Brasil (VARSUL). Selecionou, como variável dependente, a monotongação em ditongo [ej]. Como variáveis independentes, analisou (i) *classe de palavras*; (ii) *contexto seguinte*; (iii) *posição do ditongo*; (iv) *tonicidade*; (v) *faixa etária*; e (vi) *grupo geográfico*. Concluiu que a variável *grupo geográfico* não foi relevante, visto que “as diferentes etnias não exercem influência” (Amaral, 2005, p. 115). Constatou, também, que a ocorrência do processo é influenciada mais substancialmente por variáveis linguísticas, como *contexto seguinte* (tepe e fricativa palato-alveolar), por exemplo *palm[ej]ra* e *b[ej]jo*, *classe de palavras* (nomes), como *colh[ej]ta*, e *tonicidade* (sílabas átonas), como em *f[ej]jão* (Amaral, 2005).

Sobre a capital gaúcha, Toledo (2010), em sua pesquisa *A monotongação do ditongo oral decrescente [ej] em Porto Alegre*, analisou 14 inquéritos retirados do banco de dados Norma Linguística Urbana Culta (NURC),¹¹ posteriormente do projeto VARSUL,¹² analisando estatisticamente 28 entrevistas. Foram selecionadas as variáveis: (i) *contexto seguinte*; (ii) *tonicidade*; (iii) *natureza morfológica*; (iv) *classe de palavras*; (v) *sexo*; e (vi) *faixa etária*. Constatou, em seus resultados, que os fatores mais favorecedores da realização do processo são: (i) *contexto seguinte*, com destaque ao tepe (PR = 0,57), como em *f[e]ra* – no entanto, o autor evidencia que os dados quantitativos não são confiáveis, sendo que podem estar enviesados pelo grande número de ocorrências desse fator –; (ii) *posição do ditongo*, destacando-se a base/radical (PR = 0,63), como em *b[e]ra*; e (iii) *classe de palavras*, com destaque aos não-verbos (PR = 0,6), como em *dinh[e]ro*.

Ainda acerca do falar gaúcho, Damaceno *et al.* (2012) estudaram a monotongação de [ow], [aj] e [ej] no falar de Pelotas (RS). Para tanto, analisaram, sociolinguisticamente, dados retirados de 12 inquéritos com amostras de fala espontânea do banco de dados Varx.¹³ Os grupos de fatores linguísticos analisados foram: (i) *tonicidade*; (ii) *classe de palavra*; (iii) *contexto precedente*; (iv) *contexto seguinte*; (v) *tipo de vogal do ditongo*; (vi) *tipo*

¹¹ Banco de dados iniciado em 1969, que teve como intuito descrever a norma culta dos falantes com escolaridade superior de cinco capitais do Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Salvador) (Toledo, 2010).

¹² Banco de dados que contém entrevistas realizadas no período de 1990 até 1992, englobando inquéritos dos três estados da região Sul do país (Toledo, 2010).

¹³ Banco de dados composto por amostras de fala espontânea da variedade de Pelotas (RS).

de semivogal; e (vii) *posição do ditongo*. Investigaram, também, três variáveis extralinguísticas: (i) *faixa etária* (16 a 26 anos e 50 a 65 anos); (ii) *gênero* (feminino e masculino); e (iii) *atividade profissional* (manual, técnico ou intelectual). Constataram PR = 0,80 para [ow], 0,32 para [ej] e 0,02 para [aj], atestando, para o primeiro fator elencado, a maior probabilidade de monotongação. Concluíram, também, que a maior frequência dos dados se deu em [ej], apresentando 203 dados, dos 350 totais. Em relação às variáveis independentes, perceberam que o contexto seguinte tepe é favorecedor da aplicação do processo em [ej] e [ow], como em *cad[ej]ra ~ cad[e]ra* e *[ow]ro ~ [o]ro*. Já a fricativa em contexto seguinte mostrou-se favorecer a monotongação nos ditongos [aj], [ej] e [ow], como em *c[aj]xa ~ c[a]xa*, *d[ej]xo ~ d[e]xo* e *fr[ow]xo ~ fr[o]xo*.

Em relação a essas pesquisas, pode-se observar que, de modo geral, os fatores extralinguísticos, “no que diz respeito ao fenômeno da monotongação, [...] pouco influem, ou até mesmo nada influem sobre sua realização” (Freitas, 2017, p. 70). Por sua vez, essas pesquisas verificam que os fatores linguísticos – como *tonicidade*, *extensão da palavra* e *contexto fonológico precedente e seguinte* – são os que mais influenciam, corroborando os resultados de Aragão (2014).

Sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]), que também serviu de base teórica às pesquisas citadas, este trabalho analisa o apagamento variável do *glide* [j] no ditongo [ej] de acordo com os procedimentos metodológicos apresentados a seguir.

2 Material e métodos

Nesta seção, são apresentados o material e os métodos empregados para a realização desta pesquisa. Para tanto, em 2.1, é descrito o *cópus* utilizado, correspondente a amostras de fala espontânea do banco de dados Iboruna,¹⁴ que conta com amostras de fala da região de São José do Rio Preto. Na seção 2.2, são apresentadas as variáveis dependente e independentes estabelecidas para a análise dos dados, levando em consideração a literatura da área. Finalmente, a seção 2.3 descreve os passos metodológicos seguidos para a realização da pesquisa.

2.1 *Cópus de pesquisa*

Esta pesquisa utiliza, como *cópus*, 12 inquéritos retirados do banco de dados Iboruna, que tem seus dados focalizados na região de São José do Rio Preto, município localizado no noroeste paulista.

¹⁴ Iboruna corresponde a *rio preto*, em tupi Guarani (Gonçalves, 2019).

O banco de dados Iboruna é resultado do projeto ALIP (FAPESP 03/08058-6 – Gonçalves, 2023 [2007]). Esse banco de dados foi construído entre os anos de 2003 e 2007, “em razão do interesse de um grupo de pesquisadores funcionalistas [...], sediado na UNESP de São José do Rio Preto” (GONÇALVES, 2019, p. 283). O banco de dados contém dois tipos de amostras: (i) *censo linguístico*, formada por 152 entrevistas socio-linguísticas, sendo cinco gêneros discursivos: narrativa de experiência, narrativa recon-tada, texto descritivo, relato de procedimentos e relato de opinião; e (ii) *amostra de interação dialógica*, constituída por 11 diálogos em interação social, gravados secretamente.¹⁵ Contudo, para esta pesquisa, são apenas analisados os dados da primeira amostra, por ser aquela que apresenta a estratificação social dos informantes, necessária para a análise das variáveis sociais investigadas e apresentadas na seção 2.2.

As 12 amostras analisadas nesta pesquisa são resultado da investigação de três faixas etárias (de 7 a 15 anos, de 26 a 35 anos e acima de 55 anos); duas escolaridades (primeiro ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio); e dois sexos/gêneros (masculino e feminino), buscando verificar se o fenômeno da monotongação é um caso de variação estável ou de mudança em progresso, bem como encontrar indícios de um possível estigma ou prestígio social em relação às variantes. As estratificações sociais dos informantes referentes às 12 entrevistas analisadas bem como o número correspondente a cada inquirido no banco de dados estão dispostos no quadro a seguir:

Quadro 1 – Inquiridos analisados

<i>Faixa etária</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Sexo/gênero</i>	
		Masculino	Feminino
De 7 a 15 anos	1º Ciclo Ef	Ac-007	Ac-008
	Ensino Médio	Ac-023	Ac-024
De 26 a 35 anos	1º Ciclo Ef	Ac-063	Ac-064
	Ensino Médio	Ac-079	Ac-080
Acima de 55 anos	1º Ciclo Ef	Ac-127	Ac-128
	Ensino Médio	Ac-143	Ac-144

Fonte: elaboração própria, com base em Gonçalves (2019, p. 286).

Do banco de dados Iboruna, foram analisados os arquivos de áudio e de transcrição ortográfica, disponíveis para *download* em alip.ibilce.unesp.br (acesso em: 2 abr. 2023).

¹⁵ Todos os informantes da segunda amostra foram posteriormente avisados, tendo autorizado as gravações já realizadas.

2.2 Variáveis dependente e independentes

Como já apresentado, a variável dependente investigada nesta pesquisa diz respeito à aplicação da monotongação em ditongo oral decrescente [ej]. Já as variáveis independentes investigadas foram: (i) *classe gramatical*; (ii) *contexto precedente*; (iii) *contexto seguinte*; (iv) *posição do ditongo*; (v) *tonicidade*; (vi) *sexo/gênero*; (vii) *faixa etária*; e (viii) *escolaridade*. As justificativas e/ou hipóteses iniciais para a consideração de cada variável são elencadas a seguir:

- *Classe gramatical*: investigada com o intuito de averiguar a hipótese de que a monotongação em ditongo [ej] ocorre com maior frequência em não-verbos, conforme resultados encontrados por Amaral (2005) e Toledo (2010) para variedades gaúchas. Fatores analisados: verbo, como em *cat[ej]*; nome, como em *furad[ej]ra*; e outras classes, como em *prim[ej]ro*;
- *Contexto precedente*: considerada a fim de verificar, para o interior paulista, a hipótese de ser irrelevante para o processo, como atesta Toledo (2010) para a capital gaúcha, que obteve “resultados inexpressivos” para essa variável (Toledo, 2010, p. 144). Fatores analisados: plosivas, nasais, tepe, fricativas, laterais e vogais /i/, /u/ e /o/, como, respectivamente, *cad[ej]ra*, *prim[ej]ro*, *clar[ej]a*, *perf[ej]to*, *l[ej]tura*, *cri[ej]*, *continu[ej]* e *zo[ej]ra*;¹⁶
- *Contexto seguinte*: com base em pesquisas já realizadas por autores como Freitas (2017), que destacou, para a variedade de Uberaba, a grande influência da presença de tepe e de fricativa em posição subsequente. Fatores analisados: plosivas, nasais, tepe, fricativas, pausa, vogal /a/, vogal /u/, como em, respectivamente: *mant[ej]ga*, *qu[ej]mada*, *mad[ej]ra*, *f[ej]jãozinho*, *cas[ej]*, *ar[ej]a* e *sort[ej]o*;¹⁷
- *Posição do ditongo*: de acordo com Amaral (2005) e Toledo (2010), o radical é o contexto em que mais se aplica o processo nas variedades que a analisaram. Mediante isso, esperava-se encontrar aplicação mais frequente em posição de radical também na variedade do interior paulista. Fatores analisados: radical, como em *d[ej]xa*; e sufixo, como em *fiq[ej]*;
- *Tonicidade*: investigada para verificar se, na variedade do interior paulista, há

¹⁶ Mediante a análise de oitava, verificou-se a pronúncia do /o/ como [u] nesse contexto, realizando-se o alçamento vocálico, sendo pronunciado, então, como z[u]era.

¹⁷ De acordo com a análise de oitava realizada nessa variedade, o contexto seguinte vogal /u/ é apresentado com o pressuposto de que <o> em posição final, na variedade do interior paulista, sempre é pronunciado como [u], já que os vocábulos *ch[ej]o*, *cr[ej]o*, *f[ej]o*, *m[ej]o*, *pass[ej]o*, *rech[ej]o*, *sort[ej]o* e *v[ej]o*, presentes no córpus, em sua totalidade, apresentam pronúncia [u] da vogal final.

mais ocorrências do processo em sílabas átonas do que em tônicas, já que Amaral (2005) constatou que as sílabas átonas favorecem o apagamento do *gli-de* em variedades gaúchas. Fatores analisados: tônica, como em *mad[ej]ra*; e átona, como em *f[ej]jão*;

- *Sexo/gênero*: investigada com o objetivo de verificar a hipótese da não relevância dessa variável no interior paulista, como observado na variedade de Uberaba, onde esse grupo de fatores “não exerce influência significativa na realização da monotongação” (Freitas, 2017, p. 52). Ademais, a partir da análise dessa variável, pode-se detectar eventuais indícios de estigma social em relação ao processo investigado. Fatores analisados: feminino; e masculino;
- *Faixa etária*: a fim de verificar se o *status* do processo consiste em mudança em progresso ou variação estável, a partir de um estudo em *tempo aparente*, como apresentado na seção 1.1. Fatores analisados: de 7 a 15 anos; de 26 a 35 anos; e acima de 55 anos;
- *Escolaridade*: considerada com o intuito de investigar indícios da existência de estigma social em relação ao processo, já que, se apresentada maior ocorrência do fenômeno em escolaridade menor, haverá indício de estigma; em contraponto, se apresentar maior incidência em escolaridade maior, o processo se enquadrará, a princípio, como não estigmatizado socialmente. Fatores analisados: primeiro ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

2.3 Procedimentos metodológicos

Como passos metodológicos, foram: (i) levantados os contextos de ditongo oral decrescente [ej]; (ii) analisados seus contextos linguísticos e sociais, bem como a aplicação ou não da monotongação para cada dado levantado.

A realização da análise dos dados partiu das transcrições ortográficas e da análise de oitiva¹⁸ das gravações. Os dados encontrados foram categorizados e tabelados de acordo com os grupos de fatores selecionados.

Posteriormente, foi realizada a análise estatística com a utilização do programa *Goldvarb X*, criado pelos linguistas Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005), que realiza análise multivariada, com foco em variação sociolinguística. O programa estatístico está dis-

¹⁸ Foi realizada a análise de oitiva das gravações do banco de dados Iboruna, as quais não foram realizadas em cabines com isolamento acústico. Para que ocorresse a captura do vernáculo do falante, as gravações ocorreram em lugares que deixassem os informantes à vontade, em lugares de sua própria escolha. Por esse motivo, o banco de dados Iboruna não tem qualidade suficiente para a condução de análise acústica (Gonçalves, 2019).

ponível para *download* em: individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html (acesso em: 2 abr. 2023). Por meio do Goldvarb X, foi possível a análise quantitativa dos dados, descrita na próxima seção.

3 Análise dos dados

Inicialmente, deve-se destacar que, dentre as rodadas dos dados pelo Goldvarb X, houve seis nocautes, sendo três deles referentes à variável *contexto precedente* e três ao *contexto seguinte*. Por esses nocautes, necessitou-se a realização de amálgamas, para que se pudesse prosseguir com a análise quantitativa dos dados. Os fatores amalgamados, para o *contexto precedente*, foram (i) tepe e fricativa; e (ii) vogais /o/ e /i/. Para o *contexto seguinte*, (i) pausa, vogal /u/ e vogal /a/.

Em relação às variáveis indicadas como relevantes para a aplicação do processo, foram selecionados os seguintes grupos de fatores, em ordem decrescente: *contexto seguinte*, *contexto precedente*, *classe gramatical* e *escolaridade*.

Antes da apresentação dos resultados relativos aos fatores dessas variáveis, deve-se destacar que foram descartadas as seguintes variáveis: *sexo/gênero*, *faixa etária*, *posição do ditongo* e *tonicidade*. Dentre as variáveis não selecionadas, percebe-se que a não seleção do *sexo/gênero* aponta que a monotongação no interior paulista não é um processo estigmatizado, posto que não há comportamento diferenciado entre homens e mulheres no que tange à aplicação da monotongação (cf. seção 1.1).

Por sua vez, a não seleção da variável *faixa etária* indica que o processo está em variação estável, mediante a observação *em tempo aparente* (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Paiva; Duarte, 2013), já que foram obtidas taxas relativamente próximas de monotongação nas três faixas etárias investigadas (44,8% para 7 a 15, 34% para 26 a 35 e 30% para superior a 55 anos), seguidas do descarte dessa variável pelo programa estatístico.

Finalmente, como já exposto, as variáveis *posição do ditongo* e *tonicidade* também foram apontadas como irrelevantes para a aplicação do processo, apresentando resultados diferentes de pesquisas sobre outras variedades. Toledo (2010) apresentou a variável *posição do ditongo* como relevante na variedade porto-alegrense, constatando que a aplicação do processo se dá em maior constância no radical (PR = 0,63). Amaral (2005) destacou a *tonicidade* como variável relevante para a aplicação do processo em outros municípios gaúchos, constatando que o apagamento se dá majoritariamente em sílaba átona (PR = 0,92).

A tabela 1, apresentada a seguir, expõe os resultados referentes às ocorrências gerais

de aplicação do processo na variedade do interior paulista.

Tabela 1 – Ocorrências gerais

	Aplicação	Não-aplicação	Total
Ocorrências	376	681	1.057
Porcentagens	35,6%	64,4%	100%

Fonte: elaboração própria.

Como mostra a tabela 1, foram levantados 1.057 dados com a variável dependente, tendo aplicação da monotongação em 376 deles, correspondentes a 35,6%. Como um exemplo de ocorrência de aplicação, tem-se *verdad[e]ra*, e, como exemplo de não-aplicação, *pref[ej]tura*. A maioria dos dados (64,4%) não apresentou aplicação da monotongação, como em *ac[ej]ta*, *entr[ej]*, *pass[ej]o* e *volt[ej]*.

Depois da exposição das ocorrências gerais de monotongação, são apresentados os resultados relativos às variáveis selecionadas como relevantes para a aplicação do processo no interior paulista, na ordem decrescente de sua seleção: *contexto seguinte*, *contexto precedente*, *classe gramatical* e *escolaridade*.

Tabela 2 – Aplicação de monotongação de acordo com o *contexto seguinte*

	Ocorrências de monotongação	Ocorrências gerais	Porcentagens	Pesos relativos
Tepe	279	285	97,9%	0,998
Fricativa	92	135	68,1%	0,944
Nasal	1	11	9,1%	0,105
Outros ¹⁹	4	626	0,6%	0,034
Total	376	1.057	35,6%	-----

Input: 0.091
Signif.: 0.029

Fonte: elaboração própria.

Na tabela 2, são apresentados os índices de aplicação do processo em relação à variável *contexto seguinte*. Pode-se observar uma grande incidência de aplicação do processo quando o ditongo é seguido por tepe, como em *dinh[e]ro* (PR = 0,998), e fricativa (PR = 0,944), como em *d[e]xa*.

O resultado aqui apresentado vai ao encontro de estudos de monotongação em

¹⁹ Plosiva, pausa e vogais [u, a].

outras variedades do PB, pois pesquisas mencionadas neste trabalho (cf. seção 1.2) apontaram o *contexto seguinte* como relevante para a aplicação do processo. Evidencia-se principalmente a grande influência de tepe e fricativa para o contexto subsequente, o que atesta que esses fatores são quase que categóricos para a monotongação, como verificado por Amaral (2005).

Tabela 3 – Aplicação de monotongação de acordo com o *contexto precedente*

	Ocorrências de monotongação	Ocorrências gerais	Porcentagens	Pesos relativos
Nasal	51	147	34,7%	0,954
Plosiva	215	349	61,6%	0,818
Vogais	3	4	75%	0,656
Lateral	70	173	40,5%	0,163
Fricativa + Tepe	37	384	9,6%	0,142
Total	376	1.057	35,6%	-----

Input: 0.091
Signif.: 0.029

Fonte: elaboração própria.

Na tabela 3, é apresentada a aplicação do processo de acordo com a variável *contexto precedente*, sendo a segunda variável selecionada como relevante para a aplicação do processo, como já mencionado.

Observa-se, nessa tabela, que há PR = 0,954 para as nasais. Porém, identificou-se que os resultados referentes à nasal estão enviesados, já que os 51 dados monotongados de ditongo com nasal em contexto precedente apresentam tepe em contexto seguinte, como em *galinh[e]ro*, *prim[e]ramente* e *torn[e]ra*.

A plosiva, por sua vez, apresentou PR = 0,818, atuando, assim, como favorecedora da monotongação, como em *mad[ej]ra* e *d[ej]xe*. Porém, observa-se também um possível enviesamento diante do contexto seguinte formado por tepe ou fricativa.

As vogais apresentaram PR = 0,656, mostrando-se favorecedoras do processo. Todavia, foram levantados apenas quatro dados, sendo eles, *cachoej]ra*, *cri[ej]*, *po[e]ra* e *zo[e]ra*, o que pode enviesar o resultado quantitativo.

Os resultados aqui apresentados, a princípio, não corroboram, para o interior paulista, os estudos de monotongação sobre outras variedades do PB (cf. seção 1.2.1), já que, neles, não houve atuação da variável *contexto precedente* como influenciadora do processo.

Dados os resultados desta pesquisa, observou-se a necessidade de um cruzamento entre as variáveis *contexto seguinte* e *contexto precedente* para a obtenção de resultados mais precisos.

Feito o cruzamento, os índices obtidos são exibidos na tabela 4, a seguir. Deve-se esclarecer, de antemão, que os fatores apresentados na horizontal se referem ao *contexto precedente* e os apresentados na vertical referem-se ao *contexto seguinte*.

Tabela 4 – Cruzamento das variáveis *contexto seguinte* e *contexto precedente*

	plosiva		fricativa		nasal		lateral		vogais		total		
	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	
fricativa	1:	88	94:	4	11:	0	--:	0	0:	0	--	92	68
	0:	6	6:	34	89:	0	--:	3	100:	0	--	43	32
	Σ:	94	:	38	:	0	:	3	:	0		135	
outros	1:	4	3:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	4	1
	0:	115	97:	312	100:	95	100:	99	100:	1	100	622	99
	Σ:	119	:	312	:	95	:	99	:	1		626	
tepe	1:	122	98:	33	97:	51	98:	70	99:	3	100	279	98
	0:	3	2:	1	3:	1	2:	1	1:	0	0	6	2
	Σ:	125	:	34	:	52	:	71	:	3		285	
nasal	1:	1	9:	0	--:	0	--:	0	--:	0	--	1	9
	0:	10	91:	0	--:	0	--:	0	--:	0	--	10	91
	Σ:	11	:	0	:	0	:	0	:	0		11	
total	1:	215	62:	37	10:	51	35:	70	40:	3	75	376	36
	0:	134	38:	347	90:	96	65:	103	60:	1	25	681	64
	Σ:	349	:	384	:	147	:	173	:	4		1057	

Fonte: elaboração própria.

Como pode ser observado, o cruzamento das variáveis *contexto precedente* e *contexto seguinte* apresentou resultados expressivos, como em nasal precedente, em que todos os dados monotongados (51 ocorrências) apresentam tepe no contexto seguinte. O mesmo ocorre com as três ocorrências de monotongação com vogal precedente, todas com tepe em contexto seguinte. De maneira análoga, a maioria dos dados monotongados de plosiva precedente (210 das 215 ocorrências de monotongação) apresenta tepe ou fricativa no contexto seguinte.

Em suma, após o cruzamento das variáveis, pôde-se observar que os resultados apresentados para *contexto precedente* estão enviesados pelo *contexto seguinte*, o que minimiza a relevância inicialmente apresentada pelo programa estatístico para aquela variável e aproxima a variedade do noroeste paulista dos resultados acerca de outras variedades do PB.

Passa-se, agora, aos valores obtidos para o grupo de fatores *classe gramatical*.

Tabela 5 – Aplicação de monotongação de acordo com a *classe gramatical*

	Ocorrências de monotongação	Ocorrências gerais	Porcentagens	Pesos relativos
Nome	267	470	56,8%	0,740
Verbo	72	426	16,9%	0,539
Outros	37	161	23,0%	0,030
Total	376	1.057	35,6%	-----

Input: 0.091
Signif.: 0.029

Fonte: elaboração própria.

Na tabela 5, exibe-se a aplicação do processo de acordo com a *classe gramatical*, terceira variável selecionada para a aplicação de monotongação no interior paulista.

Os resultados aqui apresentados mostram que a ocorrência de monotongação é maior em nomes, como em *seringu[e]ra*, com PR = 0,740. Esse resultado corrobora os referentes às variedades gaúchas (Amaral, 2005), incluindo a de sua capital (Toledo, 2010), que constataram a maior probabilidade de aplicação do processo em nomes.

Por sua vez, os verbos, como em *par[e]j*, apresentaram PR = 0,539, sendo relativamente neutros em relação à aplicação do processo. Tal resultado pode ocorrer pelo grande número de ditongos em desinência verbal: 294, o que pode explicar os resultados que indicam um não favorecimento da aplicação do fenômeno. Já os resultados do fator *outros*, como em *m[e]jo*, apresentam-se como desfavorecedores do fenômeno (PR = 0,030), o que pode ser explicado pelo contexto seguinte, já que a maioria dos dados desse fator tem seu ditongo seguido por plosiva, vogal ou pausa, que já foram atestadas como desfavorecedoras do fenômeno (cf. tabela 2).

A tabela 6 apresenta a aplicação de monotongação de acordo com a *escolaridade*, a quarta e última variável selecionada como relevante para a aplicação do processo.

Tabela 6 – Aplicação de monotongação de acordo com a *escolaridade*

	Ocorrências de monotongação	Ocorrências gerais	Porcentagens	Pesos relativos
1º Ciclo EF	138	489	28,2%	0,365
Ensino Médio	238	568	41,9%	0,617
Total	376	1.057	35,6%	-----

Input: 0.091
Signif.: 0.029

Fonte: elaboração própria.

Deve-se destacar que a variável *escolaridade* foi a única extralinguística selecionada como relevante pelo programa estatístico. Tal resultado se distingue das demais pesquisas elencadas sobre o processo em diferentes variedades do PB, as quais atestam a influência de, sobretudo, variáveis linguísticas.

Observa-se, por meio da tabela 6, que os informantes do Ensino Médio aplicam o processo com maior frequência (41,9%) e maior probabilidade (PR = 0,617) do que o primeiro ciclo do Ensino Fundamental (28,2% e PR = 0,365, respectivamente). Esse resultado fornece indícios de que o processo de monotongação no interior paulista não seja estigmatizado socialmente, já que os indivíduos mais escolarizados aplicam o processo com maior frequência do que os menos escolarizados.

Não obstante, deve-se ressaltar que, para uma análise mais aprofundada da influência da *escolaridade* para a aplicação da monotongação, faz-se necessária a consideração de outros fatores, como o 2º ciclo do Ensino Fundamental e o Ensino Superior, o que, tendo em vista a exequibilidade deste trabalho, é deixado para futuras pesquisas.

De modo geral, portanto, observa-se que a monotongação do ditongo oral decrescente [ej] no noroeste paulista é favorecida pela presença de tepe e de fricativa em contexto seguinte, predominantemente em nomes, como em *dinh[e]ro* e *p[e]xe*, respectivamente. Por meio (i) da não seleção do *sexo/gênero*; e (ii) dos resultados referentes à *escolaridade*, há indícios de não se tratar de um processo estigmatizado socialmente na variedade analisada. Por fim, o descarte da variável *faixa etária* aponta para o *status* de variação estável da monotongação.

Considerações finais

O presente trabalho analisou o processo de monotongação do ditongo [ej] na variedade do noroeste paulista. Inicialmente, apresentaram-se os aportes teóricos, necessários para a descrição do processo em outras variedades do PB. A partir de tais aportes, percebeu-se a maior influência de variáveis independentes linguísticas para a aplicação do processo em diferentes variedades do PB (Aragão, 2014; Cysne, 2016; Freitas, 2017; Amaral, 2005; Toledo, 2010; Damaceno *et al.*, 2012), o que foi atestado também neste estudo. Sendo assim, destaca-se a confirmação, para a variedade do interior paulista, da natureza linguística do fenômeno, pouco influenciado por fatores extralinguísticos no PB.

No que tange aos resultados desta investigação, pode-se observar que há uma incidência maior da monotongação em nomes, como em *brincad[e]ra* e *mant[e]ga*, o que corrobora a hipótese inicial de que haveria maior aplicação do processo em não-verbos,

como observado por Amaral (2005) para variedade gaúcha. Já em relação ao *contexto precedente*, a hipótese inicial correspondia à sua não relevância para o processo, o que foi contrariado, a princípio, pelos resultados. Porém, atestou-se o enviesamento desse resultado a partir do cruzamento das variáveis *contexto seguinte* e *contexto precedente*. Em relação ao *contexto seguinte*, foi apresentada, como hipótese inicial, a relevância desse grupo de fatores, principalmente pela atuação do tepe e da fricativa, como, respectivamente, em *verdade[e]ras* e *d[e]xando*, como favorecedores do fenômeno, o que foi confirmado pelos resultados da presente pesquisa. Novamente, corrobora-se, para a variedade do interior paulista, o condicionamento linguístico à monotongação por parte do contexto subsequente – tepe e fricativa – observado no PB.

Conclui-se, em relação às variáveis extralinguísticas *sexo/gênero* e *escolaridade*, que o processo não é estigmatizado socialmente, o que se observa pela não seleção do *sexo/gênero*, que evidencia comportamentos relativamente similares de mulheres e de homens em relação à aplicação da monotongação na variedade do interior paulista. Ademais, a *escolaridade* foi apontada como última variável relevante para a aplicação do processo, e seus resultados parecem indicar favorecimento pela maior escolaridade. Por fim, diante da não seleção da *faixa etária* como relevante, pode-se afirmar que o processo se encontra em variação estável na variedade investigada.

Finalmente, com o preenchimento da lacuna referente ao interior paulista nos estudos sobre monotongação no PB, espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para a realização de investigações futuras no âmbito do mapeamento dessa variedade e, de forma mais abrangente, do PB, dado seu vínculo ao Projeto PROBRAVO.

Referências

ADAMOLI, Marco Antônio. *Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia*. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, 2006.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020 [1920].

AMARAL, Marisa Porto do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. Entre a transparência e a opacidade. *Letras Hoje*. Porto Alegre. v. 40, n. 3, p. 101-116, set. 2005.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Ditongação e Monotongação nas Capitais Brasileiras. In: XVII Congresso Internacional da Asociación de Linguística y Filología de América Latina - ALFAL - 2014, 2014, João Pessoa - PB. *Estudos Linguísticos e Filológicos* - Anais. João Pessoa - PB: Ideia, 2014. v. 1. p. 2089-2101.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976 [1970].

CARMO, Márcia Cristina do. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

CARMO, Márcia Cristina do. *As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista*. 2013. 249 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013.

CARMO, Márcia Cristina do. As vogais médias pretônicas no noroeste paulista: comparação com outras variedades do Português Brasileiro. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS (SÃO PAULO. 1978)*, v. 43, p. 33-47, 2014.

CARMO, Márcia Cristina do. Variação linguística das vogais médias pretônicas em contexto medial no noroeste paulista. *UniLetras*, v. 40, p. 221-239, 2018.

CARMO, Márcia Cristina do. Alçamento vocálico das vogais médias pretônicas iniciais na variedade do noroeste paulista. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS (SÃO PAULO. 1978)*, v. 48, p. 800-821, 2019.

CARMO, Márcia Cristina do; CARLOS, Valeska Gracioso. Alçamento vocálico sem motivação aparente: as vogais médias pretônicas no noroeste do estado de São Paulo. *SIGNUM [LONDRINA]: ESTUDOS DE LINGUAGEM*, v. 22, p. 114-144, 2019.

CARMO, Márcia Cristina do; TABORDA, Isabela Ribeiro. Apagamento de /R/ em coda silábica na variedade do interior paulista. *Letras Escreve*, v. 9, p. 39-51, 2019.

CARMO, Márcia Cristina do; TENANI, Luciani Ester. As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 57, p. 607-637, 2013.

COLLISCHONN, Gisela. A Sílabas em português. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

COSTA, Luciane Trennephol. Análise variacionista do rotacismo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 5, n. 9, ago. 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

CYSNE, Marcus Rodney Portela. *A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza*. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

DAMACENO, Taiane Meirelles; *et al.* O processo de monotongação de ditongos decrescentes no português falado em Pelotas – RS. *In: 21º Congresso de Iniciação Científica, 2012, Pelotas – RS. Anais do 21º Congresso de Iniciação Científica da UFPEL, Pelotas – RS, 201.*

DIAS, Jheniffer Amanda; CARMO, Márcia Cristina do. A metátese na variedade do interior paulista. *Muitas Vozes*, v. 10, p. 1-23, 2021.

FERREIRA, Jesuelem Salvani. *O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto*. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2010.

FREITAS, Bruna Faria Campos de. *Estudo da monotongação dos ditongos orais decrescentes na fala Uberabense*. 2017. 76 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <https://www.alip.ibilce.unesp.br/>. Acesso em: 2 abr. 2023 [2007].

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e banco de dados Iboruna: 10 anos de contribuição com a descrição do português brasileiro*. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, p. 276-297, abr. 2019.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. v. 5, n. 9, ago. 2007.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARTINS, Evilázia Ferreira. *Os glides do português brasileiro*. 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamóglia. Mudança Linguística: observações no tempo real. *In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, p. 179-190. 2013.

RAMOS, Adriana Perpétua. *Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista*. 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2009.

ROBERTO, Tânia Mikaela Garcia. *Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório*. São Paulo: Parábola, 2016, 175p.

SANCHES, Romário; GONÇALVES, Rosilene. Perfil geolinguístico dos ditongos /ej/ e /ou/ no falar amapaense. *Leitura*, Maceió, n. 71, set./dez. 2021. p. 32-44.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Para conhecer Fonética e Fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. v. 7. São Paulo: Ática, 2003.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. A monotongação do ditongo decrescente [ej] em Porto Alegre. *Revista Cadernos do IL*. Porto Alegre, n. 40, jun. 2010. p. 134-160.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].



Data de submissão: 28/02/2023

Data de aceite: 13/03/2023